



Despropósitos, poesias e outras formas de expandir o mundo

Absurdities, poetry and other ways to expand the world

Ricardo Alexandre Rodrigues¹

Resumo: A partir da poesia de Manoel de Barros pretende-se retomar o debate a respeito da linguagem literária e suas contribuições para pensar a o humano e o mundo. Este texto, portanto, aposta na aproximação entre poesia e pensamento para iluminar questões.

Palavras-chaves: Manoel de Barros; Linguagem poética; Poesia contemporânea.

Abstract: From the poetry of Manoel de Barros intended to resume the debate on the literary language and their contributions to addressing the human and the world. This text therefore focus on rapprochement between poetry and thought to illuminate issues.

Keywords: Manoel de Barros; poetic Language; contemporary Poetry

Nas linhas onde é escrita a poesia brasileira, ganha notabilidade o traço acentuado de um discurso grandiloquente sobre as importâncias que estão no mundo, nas quais reconhecemos signos de uma ordem social, como os que articulam valores estéticos, morais e sentimentais... Essa colocação fica fácil de ser visualizada na seleção de autores e textos organizados em diferentes volumes de antologias, cuja intenção é traçar panoramas da produção literária. Contudo, entre os grandiloquentes, também existem poetas lembrados pela inclinação ao que estava à margem ou era considerado menor, abrindo diferentes perspectivas, o que descredencia o empréstimo ou a formulação de verdades categóricas. A diferença que interessa marcar incide nas perspectivas de linguagem trabalhadas, isto é: pode-se falar sobre algo que impressionou a percepção, apontando, descrevendo, relatando; como se pode falar do lugar daquilo que afetou os sentidos, ressaltando seu ponto de vista, emprestando-lhe voz. Contudo, não há o interesse de estabelecer dicotomias ou oposições, mesmo porque, em todos os casos, nota-se um exercício retórico da linguagem para expandir os limites da realidade objetiva. Cada poeta, ao seu modo, vem instaurar enfrentamentos com o mundo, ampliando ou abrindo perspectivas.

Ficam registrados os nomes de poetas que deixaram a sua marca e contribuição para estender ou redesenhar o curso por onde flui a escrita da literatura. Implica dizer,

¹ Doutor e mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

então, que a figura do poeta aparece entre o curso traçado e a manobra que deixa ver um horizonte à frente; poeta é aquele que está entre o que foi dito e o balbucio da próxima fala. Nesse modo de pensar, ele traz fulgurações da sua contemporaneidade, porque a força de seu verso está na relação com o passado e no diálogo imaginário com o futuro. É por esse intervalo entre uma coisa e outra, espécie de fenda ou passagem estreita entre o óbvio e o obtuso, que nasce novos olhares que fertilizam as coisas no mundo. E tal é a força fecundante em certos poemas que fica a impressão de que eles sempre (re)começam depois de serem lidos, porque nos faz “perder a medida”, nos causa comoção ou inquietação. Nesse modo ver, além do fascínio que a poesia pode trazer (“um estado de graça”, como descreve Clarice), ganha notabilidade, principalmente, a sua contribuição para atualizar, estender e criar novas operações de escrita e de leitura.

Para iluminar a via de reflexão aberta pelo que foi dito anteriormente, vale nos aproximarmos da escrita de Manoel de Barros que é autor de uma poesia sisuda, na qual durante a leitura fulguram ideias de mundo tão absurdas quanto prazerosas de serem visualizadas e desdobradas pela imaginação. Quando escreve, por exemplo, “Queria ser a voz em que uma pedra fale” (BARROS & LAFER, 2015), Manoel deixa aparecer os fundamentos de sua poesia: investe na linguagem delirante e aposta na força da imaginação para abrir sobre o plano da realidade outras perspectivas, inaugurando falas e dando visibilidade ao que ainda não tinha – “É um olhar para baixo que eu nasci tendo” (idem). Conforme ele gosta de lembrar em diferentes obras, “é preciso transver o mundo”. Nesse caso, em seus versos se instalam exercícios do ver que salvam as coisas da lógica descritiva e dão prova de que os conceitos, as ciências, as verdades instituídas não são suficientes para dar conta das pluralidades da vida.

É importante dizer que a escrita de Manoel de Barros não pretende instaurar um jeito próprio de ver o mundo. Não se trata de desalojar valores para instalar outros, pelo viés da literatura; nem mesmo de cotejar a poesia como sistema superior de pensamento. Todavia, seus versos apontam as “desmedidas” do mundo e fazem ver a artificialidade dos limites deliberados. É a aposta de que o mundo pode ser mais interessante que o imediato das aparências. Por isso, projeta o olhar além dos conceitos e expressões de lugar-comum, a fim de transbordar reducionismos, mas sempre com o cuidado para não cair na armadilha de substituir um modelo simplificador por outro.

No livro mais recente, **Arquitetura do Silêncio** (2015), a secreta harmonia das coisas sem valor ganha também notoriedade no enquadramento das fotografias de Adriana Lafer. Esta obra é uma conjugação de um compêndio de imagens fotográficas com outro compêndio de “imagens verbais”. Nessa composição, palavras e imagens

iluminam caminhos alternativos por onde percorrem pensamentos e olhares. A arquitetura do silêncio aparece na integração dos elementos constitutivos: na imagem são as cores, as luzes, a sombra, as linhas, os planos... No verso, são as outras ideias tão imprevistas quanto possíveis de serem articuladas pela palavra em estado poético. O silêncio da obra aparece como forma de apreço e celebração ao que tem importância pelas suas ausências, por ser esquecido, por estar à margem e ser indiferente aos resultados. Pois, o silêncio não consiste na anulação, mas nas imensuráveis possibilidades do que pode vir adiante e rompê-lo. Isto é, pode trazer grandeza ou potencializar qualquer outro som, seja um ruído, seja um sussurro ou rumor qualquer. O silêncio está aberto a negociações e instala um estado de suspensão, um tempo de espera, o lugar das expectativas. Silêncio é o som daquilo que se move sobre o imprevisível.

Manoel nos lembra da necessidade de ver tudo de novo, com mais atenção e poesia, quando submete a palavra a um processo de desautomatização, liberando-a para outras negociações de sentidos. Ele cria expressões e reinventa significados, desloca termos e inverte a sintaxe, faz expandir as palavras, o que com efeito desarma os esquemas habituais de leitura. Assim ele declara: “eu sou um poeta da palavra”, porque sua poesia resulta de uma “artesanaria” verbal. Ao seu modo, ele celebra a palavra como lugar de fecundação de ideias e encantamento de pensamentos. É lugar onde novas texturas são possíveis e até desejáveis.

Na “inventação” de palavras e na reconstrução da sintaxe (efeito da desobediência com o paralelismo sintático e semântico), a poética manoelina nos faz pensar o “logro magnífico” (BARTHES, 1998, p.16) com a linguagem que tira do centro o sujeito e sua lógica, inaugurando formas de ver e expressar. O poeta inclina-se sobre “as soberbas coisas ínfimas” como quem vive e crê que a razão não é mais a medida ou o limite do mundo. Por isso, pode-se dizer que a sua escrita não discorre sobre algo, como num apelo à objetividade e ao empirismo para a visão do que impressionou os sentidos. Com sua escrita desencadeia uma experiência de fazer sentir.

Decerto, uma escrita dedicada à palavra, renunciando os esquemas prontos e investindo num trabalho de pensamento e sensibilidade, não está interessada no significado ou entendimento dos versos. A manobra com a linguagem na composição dos versos aponta em direção aos primórdios onde acontece maior liberdade para especulação e negociação de sentidos para as palavras. Parece que vem daí a celebração que Manoel faz às imagens da infância. Ele articula as palavras com a mesma gravidade com que a criança brinca com objetos que estão ao seu alcance, inventando para eles outros enredos, outras funções... Sua poesia nos faz perceber que é

necessário perder o medo de errar para instaurar especulações, imaginar possibilidades, entregar-se a outras leituras, sair de si...

Eu não queria significar.
Porque significar limita a imaginação.
E com pouca imaginação eu não poderia
fazer parte de uma árvore.
Como os pássaros fazem.

(BARROS & LAFER, 2015)

Pela via de pensamento aberta no poema, significar limita a imaginação porque implica decodificação, o que leva a pensar ou buscar o fim da mensagem, uma finalização para o gesto de linguagem. Nesse caso, o significado previsto e automático, disponível em nosso repertório de linguagem, abrevia a experiência da descoberta de novas dimensões e usos das coisas. O significado, portanto, cumpre uma função de tornar objetiva e dinâmica a comunicação. Como se pode ler num fragmento do romance francês *História do Olho*, de Georges Bataille, o circuito aberto de ideias desencadeadas a partir da contemplação dos fatos é a causa da fadiga do narrador: “o cansaço me impunha uma necessidade de dar, apesar de tudo, algum sentido à minha vida. Ela só o teria à medida que eu conseguisse aceitar uma série de acontecimentos” (BATAILLE, 2008, p.36).

Ainda sobre o poema, percebe-se que em vez da comparação automatizada como estratégia para estabelecer um nexos, criar uma contextura ou encadear uma lógica, a escrita de Manoel aposta na comunhão dos seres, na integração com o outro no intuito de conhecer-se, ver-se repetir no diferente, expandir os sentidos. São construções de linguagem que criam conexões mais potentes com olhar. Exploram elos invisíveis (não previstos) e desconhecidos. Portanto, mais do que um deslumbramento exercido sobre aquele que se entrega a uma leitura poética de seus versos, a escrita de Manoel de Barros anima a imaginação e o pensamento para explorar outras perspectivas sobre a realidade.

Tendo em vista estas reflexões, pode-se falar de desdobramentos ou contribuições dessa poética para iluminar questões de poesia e de vida. Tais contribuições foram sentidas aqui em três estâncias: uma que se localiza sobre o repertório poético e sua matéria de poesia, depois outra que incide sobre o debate acerca da literatura e, por último, aquela que aborda a transformação do mundo e do humano.

A propósito do que já foi apresentado sobre o repertório manoelino, sua obra e matéria de poesia contribuem para salvar do esquecimento ou da ignorância o que está à margem da cena social. Trata-se de um enriquecimento poético que vem das coisas ínfimas: “Tudo aquilo que nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para poesia” (BARROS, 2015, p.46). O apreço pelas coisas consideradas inúteis deve-se à indiferença delas em relação aos resultados; pois, elas não reclamam por lógica, funcionalidade ou vaidades. O abandono lhes brinda com o devir das possibilidades, descompromissadamente.

A entrada da matéria sem préstimo implicou novas investidas sobre a linguagem para se afastar de gestos mecânicos de dizer e pensar. Manoel, então, investiu nas “desimportâncias” que estão presentes na fala da criança, do louco e do bocó. Desse modo ele consegue a expansão do verso, mas colando em questão os limites do próprio poema, o qual passa a ser visto como “poema em prosa” ou uma espécie de “causos poéticos” que se refere às inventações de fatos e situações, apenas para ter assunto, para exercitar o prazer de contar de produzir histórias.

Nesse caso, a expansão da literatura de Manoel de Barros aconteceu por meio da busca de outros lugares não contaminados, isto é, que não se entregam facilmente à práxis burguesa. Vale lembrar que nas sociedades antigas, usar a palavra consistia em abrir o mundo ao homem, para atribuir nexos e ordem às coisas. Poesia e mito coincidiam nesse intento. Todavia, nas sociedades modernas, a tarefa de atribuir sentido às coisas tornou-se monopólio dos mecanismos a serviço do interesse e de produtividade. Consequentemente, ficou reservado à literatura falar apenas dos campos que a indústria cultural não conseguiu manipular: os excertos do mundo, a memória, o sonho...

Outra questão iluminada pela escrita de Manoel de Barros é a noção de poesia, que resulta da dedicação à palavra levada ao limite de sua função para, a partir daí, propor novas relações de sentido. Nessa investida sobre a palavra, seu caráter representativo ganha confirmação, visibilidade e novas abordagens. Isso nos ajuda a escapar das armadilhas dos esquemas de significação que opera no automático das percepções e das generalizações. No diálogo a seguir, recortado de um poema, são fecundadas reflexões de que o mundo, tal qual o conhecemos, é feito da matéria da linguagem.

___ E martelo
grama de Castela, móbile
estrela, bridão
lua e cambão

vulva e pilão, elisa
valise, nurse
pulvis e aldabras, que são?
__ Palavras.

(BARROS, 2015, p.40)

Suspeitar dos limites da palavra e vislumbrar possibilidades de existência que transborda a bipartição em significante e significado fazem parte das reflexões fecundadas neste poema. Na concepção de Barros, poesia consiste na dinâmica do pensamento, em fazer o pensamento se espalhar, escorrer, até a mente ficar vazia e dar lugar a outras percepções. Não se trata de um modelo anárquico de se relacionar com o os acontecimento do mundo, mas mostrar sua pluralidade, sua multiplicidade... mostrar inclusive que a lógica descritiva não é a única maneira de estabelecer nexos entre as coisas (ligações, relações de sentido, entre o que estava aparentemente sem relação).

As palavras são criações humanas, ferramentas usadas para ordenar aquilo que impressiona os sentidos. No plano poético constroem-se com elas mundos estranhos que são, na verdade, novas versões, diferentes texturas, outras visualidades. Mas, estas não são criadas dentro de uma proposta de negação ou alienação da realidade objetiva; ao contrário, buscam novas entradas na realidade, novos enquadramentos, que reclamam outros olhares e pensamentos. Portanto, a palavra poética articula por Manoel de Barros não só (re) inventa mundos como desautomatiza e “desforma” o olhar, porque nessa operação de leitura acontece a transgressão, a produção e a confirmação do código, ao mesmo tempo.

Manoel, então, brinca sério com as palavras criando “despropósitos de linguagem” para “desformar” o humano e o mundo. Assim ele confessa: “Eu penso renovar o homem usando borboletas” (BARROS & LAFER, 2015). A leitura deste verso faz pensar que a poesia serve de morada para uma força que resiste ao óbvio, ao imediato, ao esquematizado, à práxis. Na inquietação provocada pelas composições inusitadas, é acionada (por instinto ou por hábito) a busca de algum sentido onde pudesse repousar o pensamento. Mas, acontece o contrário porque as ideias se agitam entre as construções de linguagem que tem uma aparência paradoxalmente familiar, mas com aspecto estranho; ou, no contrário, passa a impressão de algo estranho com uma aparência familiar.

Constituída nessa ambiguidade, a poesia incita a imaginar maneiras diferentes de perceber e organizar o mundo, ampliando horizontes e perspectivas. A poesia de Manoel

de Barros nos coloca diante daquilo que é expressão da condição humana: fabricar e imprimir sentidos aos acontecimentos no mundo. Desse modo, experienciamos sensações, especulamos ideias, imaginamos situações, compomos nossa prosa de mundo, nossas ficções que abrem espaço para transbordar subjetividades.

Então, a maior contribuição da poesia talvez seja a de nos liberar de nossas maneiras convencionais de pensar a vida. E o ganho maior com essa liberação, que já aparece na articulação de novas operações de leitura para negociar sentidos, está na abertura de possibilidade de interação com o outro como exercício de humanidade. Servem de moldura para estas reflexões as palavras de Antônio Houaiss na abertura da antologia poética **Meu quintal é maior que o mundo** (2015): “é um esplendor ver luzir de forma tão convincente e harmoniosa a certeza de que entre o caramujo e o homem há um nexos necessário que nos deveria fazer mais solidários com a vida”.

Bibliografia

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARROS, Manoel de. & LAFER, Adriana. **Arquitetura do silêncio**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

BATTAILLE, Geoges. **História do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.